

Como habitar o mundo de maneira geopoética?¹

Rachel Bouvet²

Recebido 20, mai. 2012 / Aprovado 06, jun. 2012

Resumo: À luz da geopoética, as reflexões desenvolvidas propõem um novo olhar sobre o mundo e novas práticas para se redescobrir o sentido do gesto de habitar.

Palavras-chave: geopoética; habitar; criações transdisciplinares

Abstract: In the light of geopoetics, the reflections developed in this paper propose a new look over the world and new practices to rediscover the sense of the gesture of inhabiting.

Keywords: geopoetics, inhabiting; transdisciplinary creations

Résumé: À la lumière de la géopoétique, les réflexions développées proposent un nouveau regard sur le monde et de nouvelles pratiques pour que l'on puisse redécouvrir le sens du geste d'habiter.

Mots-clés: géopoétique; habiter; créations transdisciplinares

Governado por lógicas econômicas, financeiras e políticas, o mundo em que vivemos pode nos parecer cada vez mais estreito, inapto para o desabrochar do ser humano. As estratégias de organização do território obedecem a imperativos de rentabilidade e não levam em conta as necessidades reais dos habitantes do planeta. Como, nessas condições, conseguir viver, habitar o mundo? Em vez de se engajar em uma via derrotista ou de se refugiar em mundos virtuais, imaginários, a geopoética propõe uma forma de resistência.

Resistência em relação a um pensamento cartesiano herdado do passado do Ocidente, que permite qualquer coisa em nome do progresso e da conquista do homem sobre a natureza. Resistência em relação a uma deriva vivida nas sociedades sedentárias, fazendo com que não saibamos mais habitar nossos espaços cotidianos.

Heidegger já se interrogava, em seu ensaio “Construir, habitar, pensar”, sobre a crise da habitação³. Examinando de perto a etimologia desses três verbos, ele evidenciava uma importante distância entre a faculdade de habitar, própria a todo ser humano, e a construção efetiva das habitações. Ele propunha, como fez Bachelard à sua maneira em *Poétique de l'espace*, se voltar aos poetas para reaprender a habitar o mundo.

“*Habitar o mundo como poeta*”, esse verso inspirado em Hölderlin foi retomado como título de outro ensaio de Heidegger⁴.

Eu gostaria, no âmbito desta conferência, de abordar essa questão de modo um pouco diferente, explicando como podemos habitar o mundo de maneira geopoética.

Concebida pelo escritor franco-escocês Kenneth White, a geopoética visa desenvolver uma relação sensível e inteligente com a Terra. Tendo fundado em 1989 o Instituto Internacional de Geopoética, ele abriu um campo, o do “grande trabalho”, com o objetivo de mexer com pensamentos sedimentados há anos e estimular, ao mesmo tempo, a pesquisa e a criação. Em 1996, sete anos após a criação do Instituto, este se arquipelizou, ou seja, uma rede de centros e de ateliês foi criada. Dessa maneira, grupos de artistas, escritores, professores e profissionais foram formados na Bélgica, na Escócia, na França, na Suíça e no Quebec, entre outros, e ainda recentemente no Chile e na Suécia.

A geopoética atravessa diferentes territórios. A começar por aqueles que constituem as disciplinas: enquanto campo de pesquisa e criação transdisciplinar, a geopoética visa descompartmentalizar as disciplinas que são a geografia, a literatura, a filosofia, as artes, as ciências da terra, etc. Em seguida, a configuração do Arquipélago geopoético implica uma travessia dos territórios que são as pequenas ilhas situadas em diferentes lugares do planeta. Enfim, importa, em geopoética, atravessar diferentes territórios geográficos e culturais. Em seus ensaios, Kenneth White insiste na necessidade de sair, a fim de captar, graças à viagem, toda a beleza do mundo, que se encontra, dentre outras coisas, em sua diversidade, e de explorar, graças ao nomadismo intelectual, os diferentes saberes e as diferentes obras artísticas e literárias desenvolvidas nas mais diversas culturas.

O campo do grande trabalho

A geopoética não é um conceito que se pode explicar facilmente. Aqueles que se interessam por este movimento têm, com frequência, a impressão de fazer

geopoética há algum tempo sem mesmo saber. Apaixonados por viagens em países distantes ou por *flâneries* pela sua própria cidade, por caminhadas nas montanhas ou passeios pela orla, autores e/ou leitores de poesia, de narrativas e de mapas, providos de um “olho geográfico”⁵ ou de um “olho fotográfico”, perambulam pelo campo geopoético cada um a seu modo, a partir de um ângulo singular, de sua formação e de sua própria individualidade. Para se ter uma ideia disso, é importante tanto conhecer a obra de Kenneth White, os *Cahiers de géopoétique* e outras publicações dos Ateliers⁶, quanto sair para explorar conjuntamente o mundo exterior e o mundo das ideias e desenvolver uma relação sensível e inteligente com a terra.

Começemos pelo prefixo *geo*, a terra. Todos os seres humanos vivem sobre a terra, eis uma evidência. Em vez de favorecer um pertencimento a uma nacionalidade, uma etnia, uma língua, uma religião, um partido político, uma convicção ideológica, a geopoética privilegia um pertencimento comum à Terra. Nosso planeta foi, por certo, inteiramente cartografado e explorado. Mas a cartografia científica à qual somos submetidos, com aparelhos muito sofisticados e medidas muito precisas, deixou imensas zonas de sombra. A partir do momento em que o olhar tenta captar a poesia dos lugares e surpreender o brilho da vida cotidiana, tudo muda: cada percurso na terra dá a oportunidade de fazer novas descobertas, íntimas antes de mais nada, e procurar compartilhá-las.

Que se trate de navegar sobre o oceano de ilha em ilha, de flunar nas ruas do Rio, de saltar de rocha em rocha, de andar na floresta amazônica, de subir a encosta de uma montanha, a relação que estabelecemos com a terra se faz do lado de fora, *in situ*, ao abrigo do vento ou em pleno sol, sobre o rio congelado ou perto de um riacho na primavera. O prefixo *geo* nos liga à terra – é preciso ter um dia sentido o apelo que vem de fora, essa tensão que nos expulsa para fora de nossos confortáveis lares e que nos deixa entrever novos horizontes, para poder caminhar tranquilamente nas trilhas da geopoética.

Após o prefixo *geo*, passemos ao sufixo, *poética*. Esse termo não remete à poesia, ainda que esta última ocupe um lugar primordial, nem ao trabalho do escritor. Ele deve ser entendido em sentido mais amplo, próximo do de “inteligência poética”. Ele designa uma “dinâmica fundamental de pensamento”⁷, colocando em benefício todos os recursos físicos e mentais de que dispõe o ser humano, ou seja, uma poética que “sintetiza todas as forças do corpo e do espírito”⁸. O fato de perceber a beleza do mundo, de compreender as ínfimas modificações do am-

biente cotidiano, natural ou urbano, permite criar, compor com ideias, palavras, imagens, todos os tipos de materiais. “É também uma maneira de ‘compor’ (organizar, dar forma) que é a força do espírito humano em seus grandes momentos, lá onde ele entra, com todas as suas faculdades de percepção e compreensão, em um vasto espaço-tempo⁹”. Quanto mais a relação com o mundo ganha em intensidade, mais aumentam os recursos geopoéticos.

Da aliança entre *geo* e *poética* deveria surgir um mundo a habitar: “Um mundo é o que surge da relação entre o ser humano e a terra. Se essa relação for sensível e inteligente, fértil, teremos um mundo no pleno sentido do termo, um espaço agradável para viver; se, ao contrário, essa relação for inepta, insensível, para não dizer brutal e exploradora, nós só teremos um mundo estéril e vazio, um mundo imundo”.¹⁰

A geopoética procura, então, criar um novo território, no qual cada um pode respirar a plenos pulmões, engrandecer seu ser, estabelecer relações harmoniosas com os outros à base de um pertencimento comum, um vasto campo de pesquisa e criação no qual se cruzam as ciências, as artes e a literatura.

O atelier nômade

Para evocar a transdisciplinaridade, gostaria de citar um exemplo desenvolvido em *La Traversée*, o Atelier quebequense de Geopoética que dirijo desde sua fundação em 2004. Lembremos, primeiro, que em geografia, é essencial fazer trabalho de campo, explorar os lugares *in situ*, um procedimento muito inabitual para os professores de literatura que trabalham sobre uma matéria feita de papel e tinta, de palavras, de fatos da língua e não sobre um ambiente físico e humano. Além disso, a teoria literária privilegiou, por um longo tempo, uma concepção do texto literário fechado sobre si mesmo, fundamentalmente diferente do espaço real. Mesmo quando os textos falam do deserto ou do oceano, não viria à mente do pesquisador de literatura sair dos muros da universidade evocando a necessidade de fazer trabalho de campo; esta é, francamente, da ordem do impensável.

O atelier nômade oferece, justamente, a ocasião de ligar a exploração física e a exploração literária, sensível, plástica, etc¹¹. Reunindo umas vinte pessoas em um sítio natural ou urbano em torno de um tema, o atelier nômade visa renovar a leitura da paisagem, desenvolver a relação sensível com o ambiente, experimentar novas formas de criação, coletiva e individual, interrogar-se sobre a maneira

pela qual interagimos com o espaço e aprofundar a reflexão geopoética. Três perspectivas diferentes são empregadas: primeiramente, a exploração física do lugar permite uma interação concreta com uma paisagem, um andamento singular, uma percepção íntima e polissensorial do ambiente; em segundo lugar, intervenções feitas por pessoas que têm um conhecimento aprofundado do lugar, graças aos saberes históricos, geográficos, científicos, ou ainda em razão de uma longa experiência vivida nesse lugar, permitem melhor compreender os diferentes aspectos do sítio; em terceiro lugar, atividades de criação, literária ou plástica, são organizadas e levam à criação de um caderno de navegação, publicado alguns meses após o acontecimento.

É assim que tentamos habitar a vastidão, as grandes extensões que são a floresta laurenciana e o rio St-Laurent¹². Habitar a cidade acarretou também um importante desafio, e tomou a forma da *flânerie*, primeiro nas ruelas, depois às margens de Montreal, cuja dimensão insular¹³ esquecemos com frequência. Habitar a casa é outro desafio que foi enfrentado graças aos ateliês que tinham como tema o refúgio, a cabana construída em plena floresta, ou ainda em decorrência da visita a vilarejos abandonados nos anos 70 em que nada mais existe sobre o plano material, mas onde os antigos moradores continuam, apesar de tudo, a habitar, devido a suas memórias dos lugares¹⁴.

Os *Carnets de navigation* conservam os traços dessas experiências dos lugares reunindo fotos, poemas, relatos, notícias, ensaios, desenhos, colagens, mapas, etc., realizados pelos participantes. Eles retomam as reflexões e criações iniciadas durante a estada e finalizadas, frequentemente, na solidão de um escritório ou ateliê. Com um formato novo a cada vez, inspirado pelo lugar explorado, o caderno de navegação poética reúne uma multiplicidade de pontos de vista diferentes sobre o local visitado, modos variados de expressão que contribuem para formar uma percepção bastante completa do sítio. Além disso, podemos dizer que duas temporalidades se cruzam: o momento presente, o instante captado ao vivo, ilustrado por certas realizações feitas no lugar, como mapas, desenhos, fotos, e um tempo distendido, prolongado, necessário a toda empreitada de reflexão ou criação que exige um recuo, uma distância, uma decantação, um trabalho de aprofundamento, de ajuste. Sem contar o trabalho de edição, que vai da escolha dos textos e das imagens ao seu acabamento, integrando-os em um processo de transformação bastante importante, no qual a dimensão material da obra torna-se

também objeto de reflexão. Assim, adotando o modo de expressão que melhor convier, cada participante contribui em uma obra coletiva ligada de perto ao lugar explorado, testemunho da descoberta de um sítio, de uma partilha dos olhares e dos saberes, mas também concretização de uma relação singular com o espaço, de uma relação sensível e inteligente com a Terra. Os *Carnets de navigation* mostram que a arte e a ciência, a pesquisa e a criação, a literatura e a geografia, não somente se completam, mas se enriquecem mutuamente¹⁵.

Tradução de Luciana Ambrósio

Revisão de Eurídice Figueiredo

Notas

- ¹ Conferência apresentada à Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (Estado do Rio, Brasil), em 10 de novembro, com tradução consecutiva feita por Eurídice Figueiredo, no âmbito da mesa-redonda, "Mesa-redonda sobre Geopoética", organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura – Núcleo de Estudos Canadenses.
- ² Professora titular no Departamento de Estudos Literários da Universidade do Quebec em Montreal (UQAM). Membro de Figura, centro de pesquisa sobre o texto e o imaginário, é responsável por La Traversée, atelier quebequense de geopoética.
- ³ HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. IN: *Ensaio e Conferências*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ⁴ O homem habita como poeta. *ibid.*
- ⁵ Éric Waddell, «L'œil géographique devant le regard du fleuve», em Jean Morisset et Éric Waddell, dir., *Au rythme des vents et des marées*, Montréal, La Traversée-Atelier québécois de géopoétique, coll. «Carnet de navigation», no 1, 2005. Disponível em: <http://www.calameo.com/read/00011279073ee2194f06c>
- ⁶ Ver o site do Arquipélago poético: www.geopoetique.net, em que se encontram «Quelques textes fondateurs» de Kenneth White, o sumário dos *Cahiers de géopoétique*, cujos artigos estão disponíveis na internet, assim como uma apresentação das Ilhas e do Arquipélago geopoético.
- ⁷ <http://www.kennethwhite.org/geopoetique/>
- ⁸ «Que faut-il entendre par poétique?» www.geopoetique.net/archipel_fr/institut/introgeopoetique/textes_fond_geopoetiques2.html
- ⁹ Kenneth White, Lettre au Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires, Bulletin Interactif du Centre International de Recherches et Études transdisciplinaires n° 2 – Juin 1994, <http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/bulletin/b2c3.htm>
- ¹⁰ «Considérations premières, À propos de culture», *op. cit.*

- ¹¹ Para mais informações, ver o site *La Traversée* no seguinte endereço: www.latraversee.uqam/atelier/pr-sentation
- ¹² Ver os Carnets de navigation n^{os} 8 e 5: *Derrière l'écorce*, sob direção de Kathleen Gurrie, Xavier Martel e Rachel Bouvet (2009) e *Un fleuve, l'hiver*, sob direção de Kathleen Gurrie, Denise Brassard e André Carpentier (2008).
- ¹³ Ver os Carnets de navigation n^{os} 3 e 6: *Coueurs de ruelles*, sob direção de Virginie Turcotte, André Carpentier e Rachel Bouvet (2006) e *Rives et dérives*, sob direção de Kathleen Gurrie, Julien Bourbeau e Yves Lacroix (2008).
- ¹⁴ Ver os Carnets de navigation n^{os} 2-7-9: *Le refuge comme traversée*, sob direção de Hélène Guy (2005), *Terre d'hiver*, sob direção de Marie-Hélène Harvey, Mélody Côté, Hélène Guy, Camille Allaire e Jean Désy (2009), *Sur les traces des villages fantômes*, sob direção de Kathleen Gurrie, Chloë Rolland e Denise Brassard (2011).
- ¹⁵ Para mais informações sobre o percurso próprio aos Carnets de navigation, ver meu artigo «Les carnets de navigation géopoétique», em Hélène Guy, Camille Deslauriers, Alain Savoie et Marie-Daphné Létourneau (dir.), *Les carnets des aventuriers*, Montréal, Chenelière Éducation, 2011, p. 78-83.